

DESIGUALDADE SOCIAL A PARTIR DA PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO: O ALUNO PRODUTOR DO CONHECIMENTO

Gisleudo Barros de Sousa¹
Antonio Izidro Sobrinho²
José Ronaldo de Lima³
Gillianne de Oliveira Nunes⁴

RESUMO

As relações que se estabelecem entre o professor e o aluno vêm sendo transformadas ao longo do tempo com o intuito de acompanhar as exigências e as mudanças do cenário educacional brasileiro. No caso específico da Geografia estas mudanças são constantes, pois esta ciência tem como objeto de estudo – o espaço geográfico – que é frequentemente alterado pela ação humana. Na qualidade de componente curricular presente na educação básica a Geografia já passou por diversas alterações que têm refletido na sua práxis. Este estudo tem como objetivo analisar como o ensino de Geografia pode tornar o aluno produtor do conhecimento e não mero espectador e copiador do que já está posto nos livros didáticos. Assim sendo, realizou-se um estudo por meio de uma metodologia ativa onde os alunos concluintes do ensino fundamental de uma escola particular localizada na zona norte da cidade de Patos-PB foram orientados a produzirem seus próprios conhecimentos tendo como tema principal a desigualdade social a partir da análise comparativa da paisagem urbana de dois bairros sendo um tido como central e outro periférico. A interação dos discentes como sujeitos participativos surge com o propósito de contribuir para uma formação cada vez mais sólida, cidadã, crítica e consciente, pois estes exercem sua cidadania ao questionarem os fenômenos socioeconômicos presentes no espaço em que habitam. Utilizou-se uma pesquisa bibliográfica para fundamentação deste estudo, bem como, a utilização de uma pesquisa-ação em que os discentes foram a campo investigar o tema proposto. Por meio desta pesquisa percebeu-se que a desigualdade social tem diversas formas e fontes que são consequências da injusta distribuição dos recursos que gera uma estratificação social levando um bairro (periférico) a ser mais carente de políticas públicas.

Palavras-chave: Aluno produtor, Ensino de Geografia, Princípio educativo, Paisagem urbana, Desigualdade social.

INTRODUÇÃO

Para se conceber uma prática pedagógica que valorize o papel do professor é necessário primeiramente analisar as possibilidades e oportunidades de cada professor e aluno e estabelecer um ambiente que nos traga a reflexão, questionamento e diálogo. A prática pedagógica de valorizar o papel do professor e colocar em destaque a atuação do aluno consiste em oferecer chances iguais de aprendizagem para todos os alunos.

Por outro lado, entende-se que a adoção das metodologias ativas configura-se como

¹ Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas pelo Instituto Federal do Piauí - IFPI, gisleudoeducgeografia@gmail.com

² Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, antonioizidro58@gmail.com;

³ Mestre em Ciências Florestais pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, ronageografia@gmail.com;

⁴ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, profgillianne@gmail.com;

uma forma de promover a educação inclusiva e a fluidez de informações entre os setores da escola. Sua eficácia reside na complementação de conteúdos, planejamento de aulas estruturadas, melhoria da relação professor-aluno, exploração de conceitos abstratos e inovação nos projetos da escola, além de contar com a participação de todos os atores educacionais. Assim, pode-se perceber que todas as partes envolvidas são beneficiadas com a adoção destas metodologias, cabendo aos diferentes atores educacionais participantes se responsabilizarem pela sua implementação, desenvolvimento e prática, conforme seu respectivo estatuto.

Assim, ao longo dos séculos, podemos perceber que a Geografia passou por grandes mudanças nas abordagens e metodologias de ensino bem como nas formas de fins do seu ensino e o que é ensinado. Com isso, a Geografia se encontra em seu estágio mais desenvolvido em relação ao seu papel de ciência que estuda o meio-ambiente e desenvolve os diversos conhecimentos e habilidades dos estudantes. Dessa forma, ela passou de um conhecimento naturalístico-descritivo para um importante conhecimento de múltiplas aplicações.

O fato de ter definido o seu objeto de estudo – o espaço geográfico – caracterizado por Santos (2008, p. 28) como “conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certos arranjos de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento” faz da Geografia uma ciência de extrema relevância para a compreensão dos diversos fatores que surgem da relação entre ser humano e natureza.

Neste estudo, buscou-se analisar a relevância da utilização do uso de projetos didáticos no ambiente escolar ou extraclasse para melhor compreensão da porção do espaço geográfico com o qual os alunos têm maior acesso e convivência – o lugar que vivem. O espaço e o lugar são categorias de análises abordadas neste estudo, pois parte-se do pressuposto de que os alunos já detêm um conhecimento prévio deste espaço.

Esta abordagem foi realizada junto com uma turma do 9º ano do ensino fundamental de anos finais uma escola privada da cidade de Patos -PB, que após várias aulas em sala discutindo teoricamente a temática da desigualdade social, foram ver *in loco* como ela se concretiza no seu lugar por meio da observação das diferenças entre as condições de moradia em dois distintos bairros.

Este estudo tem como objetivo analisar como o ensino de Geografia pode tornar o aluno produtor do conhecimento e não mero espectador e copiadador do que já está posto nos livros didáticos. Assim sendo, realizou um estudo por meio de uma metodologia ativa onde

os alunos concluintes do ensino fundamental de uma escola particular localizada na zona norte da cidade de Patos-PB foram orientados a produzirem seus próprios conhecimentos tendo como tema principal a desigualdade social, a partir da análise comparativa da paisagem urbana de dois bairros sendo um tido como central e outro periférico.

Utilizou-se uma pesquisa bibliográfica para fundamentação deste estudo, bem como, a utilização de uma pesquisa-ação em que os discentes foram a campo investigar o tema proposto. Por meio desta pesquisa percebeu-se que a desigualdade social tem diversas formas e fontes que são consequências da injusta distribuição dos recursos que gera uma estratificação social levando um bairro (periférico) a ser mais carente de políticas públicas.

METODOLOGIA

Este estudo foi realizado junto com uma turma do 9º ano do ensino fundamental de anos finais em uma escola privada localizada na região Norte da cidade de Patos –PB. Para inserção desta temática foram realizadas distintos momentos discursivos onde foram apresentadas as argumentações a respeito da desigualdade socioeconômica.

A metodologia se justifica por sua potencialidade no levantamento de informações sobre a referida temática e nos permite uma compreensão mais profunda das necessidades da comunidade escolar, suas relações e suas experiências, auxiliando na tomada de decisão com base na realidade vivida na instituição escolar e na melhoria da qualidade do ensino.

Uma vez levantadas essas constatações, os alunos foram estimulados a discutirem, partindo da discussão sobre os problemas de desigualdade social encontrada no seu espaço de vivência – sua cidade - onde apontaram situações contrastantes, tais como, moradias precárias ao lado de prédios modernos, ruas pavimentadas e ruas sem pavimentação, entre outros aspectos.

Concluída esta fase, os alunos foram levados a uma aula de campo pela cidade para observarem *in loco* situações reais de desigualdade social por meio da análise comparativa entre dois diferentes bairros da cidade de Patos – PB, Belo Horizonte e a comunidade Dom Bosco. Os respectivos bairros ofertam diferentes utilidades e significados, apresentando diferenças entre os indicadores socioeconômicos.

Concluída esta fase, os alunos puderam realmente ver a desigualdade social à sua volta e como ela influencia a vida das pessoas. Cada bairro representa um estilo de vida totalmente diferente e foi interessante para os alunos ver como o cenário de exclusão social se manifesta na prática. **Pode-se analisar que a exclusão social tem várias formas e diversas**

fontes, desde as iniquidades econômicas e raciais até a exclusão comportamental que pode ser consequência da formação de grupos e círculos sociais específicos. Além do papel da escola como espaço de socialização e inclusão dos estudantes de entornos diversos.

Neste estudo, utilizou-se a observação direta que, segundo Lakatos e Marconi (2010, p. 169), “constitui-se, em geral, no levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem”. Com mediação do professor de Geografia, os alunos foram a estes dois locais com intuito de colher dados dos moradores por meio da realização de entrevistas.

Este estudo consiste, portanto, no desenvolvimento da aprendizagem e do senso crítico dos discentes por meio da realização de projetos. De acordo com Behrens e José (2001, p. 4), “O verdadeiro método pedagógico consiste primeiro em tornarmo-nos inteligentemente atentos às aptidões, às necessidades, às experiências vivenciadas pelos educandos e, em segundo lugar, em desenvolver estas sugestões de base de tal forma que elas se transformem num plano ou num projeto [...]”.

Neste sentido, os alunos foram mediados e orientados a produzirem os seus próprios conhecimentos acerca da temática estudada em sala por meio da realização de entrevistas aos moradores dos dois bairros escolhidos pelos próprios alunos para análise.

Aos alunos limitou-se a questionar aos entrevistados: a idade, o nível de escolaridade e renda bruta mensal. Os dados levantados foram dispostos em gráficos para sua posterior análise. Durante esse processo, os alunos aprenderam a analisar os dados obtidos a partir dos relatos dos entrevistados, usando os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Essas iniciativas fomentam o desenvolvimento de capacidades de análise crítica e raciocínio argumentativo dos participantes, além de contribuir para a produção de informações qualitativas úteis para compreensão de um determinado contexto socioeconômico.

O ENSINO POR MEIO DA PESQUISA

A sociedade atual passa por uma série de transformações nas suas diferentes instituições de tal modo que a escola por ser por essência um ambiente formador do ser enquanto cidadão, consciente e crítico dos seus direitos e deveres, deve acompanhar tais modificações para que estes seres em formação sejam capazes de sobreviver em um mundo cada vez mais competitivo e desigual.

Neste cenário, se faz necessário que as metodologias utilizadas no ambiente escolar pelas diferentes áreas do conhecimento e, neste caso, pela Geografia, sejam adequadas às

realidades do mundo atual, assim, o professor sai da condição de único detentor do saber (Geografia Tradicional) e passa a ser mediador do processo de ensino-aprendizagem onde os alunos serão produtores do conhecimento (Geografia Crítica).

O Ensino, grosso modo, é a transmissão de conhecimento, de cultura, de humanidade para sujeitos em formação. O Ensino de Geografia precisa transmitir conhecimentos que formam nos sujeitos ampla compreensão das muitas relações sócio-espaciais sem retirá-los do espaço. Em outras palavras, o Ensino de Geografia colabora para o exame crítico das condições materiais e imateriais dos sujeitos com suas relações originárias de suas situações econômica, cultural, social, histórica e espacial. Ensinar Geografia é permitir aos sujeitos compreenderem-se como criadores de sua própria história e espacialidade. Mas não se trata de criação individual, pois a coletividade é mola propulsora desta construção (Barbosa; Azevedo, 2011, p. 55).

Entende-se, portanto, que os alunos são sujeitos participantes, ativos, problematizadores e como tal necessitam desenvolver a criticidade acerca de todos os aspectos seja eles culturais, sociais, políticos, étnicos, religiosos, etc. que lhes rodeiam no ambiente onde estão inseridos. Neste sentido, Luckesi (1993, p. 114) diz que “[...] o educando é aquele que, participando do processo, aprende e se desenvolve, formando-se como sujeito ativo de sua história pessoal quanto como da história humana”.

Uma prática que possibilita a participação ativa do aluno perpassa pela utilização de aulas de campo e de projetos didáticos realizados dentro e/ou fora do ambiente escolar. A realização de projetos didáticos proporciona ao aluno a capacidade de se desenvolver, pois se torna sujeito ativo do processo. Por outro lado, é sabido que a escola e o professor precisam aceitar tais mudanças, pois estes são os responsáveis por promover os direcionamentos da educação que realizam em sala de aula.

A função do projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: 1) o tratamento da informação e 2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio (Behrens; José, 2001, p.7).

Para que essas metodologias sejam realizadas no ambiente escolar se faz necessário que elas façam parte do Projeto Político Pedagógico da escola, uma vez que este é o documento que delinea a funcionalidade do ambiente escolar. De acordo com Vasconcelos (2004, p.169) “[...] o Projeto Político Pedagógico é o plano global da instituição.

Pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de planejamento participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada”.

É interessante destacar que a utilização de uma metodologia em que se proponha a colocar o aluno como sujeito ativo não é tarefa fácil nem tão pouco atingirá a todos os alunos ou a todas as turmas na mesma proporção, no entanto, reiteramos que esta consiste num mecanismo de promoção e valorização dos conhecimentos que este já detém e dos conhecimentos que podem adquirir.

Estamos acostumados (ou não) a realizar pesquisas apenas no ensino superior, na universidade e talvez, por isso, não fazemos tão bem, pois não temos tanto tempo para desenvolvermos nossas habilidades criativas. Mas, afinal, quem disse que a pesquisa só pode ser realizada na universidade? Para Demo (1999), a pesquisa pode e deve ser inserida já no ensino fundamental, porém, esta terá o critério educativo e não científico como na universidade.

O professor precisa investir na ideia de chegar a motivar o aluno a fazer elaboração própria, colocando isso como meta da formação. Caso contrário, não mudamos a condição de analfabeto no aluno, que apenas lê, sem interpretar com propriedade (Demo, 1999, p. 87).

À medida que os alunos são levados a pesquisarem sem o auxílio de livros didáticos ou internet (recursos muito utilizados para reproduzir o conhecimento) percebe-se uma melhoria significativa na escrita, leitura e na aprendizagem que é aguçada pela descoberta de algo que parecia distante.

Estes, por sua vez, tornam-se cidadãos críticos e conscientes capazes de questionar situações comuns no ambiente onde vivem desenvolvendo sua cidadania. Para Vlach (2013, p. 247) “[...] Hoje, o cidadão deve participar ativamente da gestão da política em escalas que não se limitam à cidade. Deve, pois ser preparado para tal. Entendemos que essa preparação é tarefa da escola, de uma maneira geral, e do ensino de Geografia, de maneira particular”.

Quanto ao papel do professor percebe-se que a utilização de uma nova metodologia que promova a interação, a produção, o debate requer uma mudança na sua *práxis*. Para Pontuschka *et al* (2009, p. 13) “[...] as transformações das práticas docentes só se efetivarão se o professor ampliar sua consciência sobre a própria prática, a de sala de aula e a da escola como um todo, o que pressupõe os conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade”.

O Ensino de Geografia precisa ensinar a ver o mundo em sua totalidade, para isso a produção do conhecimento é extremamente importante, ou seja, fomentar nos estudantes o desejo em compreender o mundo a partir de seus próprios questionamentos. A liberdade para pensar o mundo é o ponto inicial

e fundamental da construção da intencionalidade crítica (Barbosa; Azevedo, 2011, p. 63).

A função do professor é exercida como mediador do processo, muito embora, este sinta a necessidade de intervir um pouco mais em algumas das etapas, uma vez que a pesquisa para eles é algo extremamente novo e, por isso, causa medo por não terem conhecimento de como realizar os procedimentos propostos.

Para Demo (1988b e 1988c) a pesquisa “é o processo histórico de conquista e exercício da qualidade de ator consciente e produtivo. Trata-se da formação do sujeito capaz de se definir e de ocupar espaço próprio, recusando ser reduzido a objeto”. A pesquisa pode e deve fazer parte desde os anos iniciais do ensino fundamental.

O ESPAÇO GEOGRÁFICO E SUA COMPLEXIDADE

Na educação básica, o espaço geográfico é determinado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como sendo: “historicamente produzido pelo homem, enquanto organiza econômica e socialmente sua sociedade” (Brasil, 2000, p. 109). Desse modo, o espaço geográfico deve ser compreendido como resultado das relações que se estabelecem entre as dinâmicas naturais, socioeconômicos e políticas.

Neste aspecto, o objetivo da Geografia na educação básica é buscar entender os processos que decorrem da interação entre ser humano e natureza. Processos estes que envolvem os elementos naturais e os elementos artificiais estes, por sua vez, surgem a partir da transformação daqueles. Assim, a Geografia não deve se limitar em apenas descrevê-los, mas entender as causas e consequências dessa relação.

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certos arranjos de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social (Santos, 2008, p. 28).

Diante dessa complexidade em que se caracteriza o espaço como categoria de análise Castelar (2000, p. 30) diz que precisamos “Aprender a pensar o espaço. E, para isso, é necessário aprender a ler o espaço, “que significa criar condições para que a criança leia o

espaço vivido”. Esta leitura perpassa pelo campo da percepção de que este espaço se apresenta, por uma série de fatores, de forma desigual, cuja desigualdade pode ser analisada a um simples “olhar” atento e já é possível verificarmos as diferenças sociais que se estabelecem nele.

O olhar espacial supõe desencadear o estudo de determinada realidade social verificando as marcas inscritas nesse espaço. O modo como se distribuem os fenômenos e a disposição espacial que assumem representam muitas questões, que por não serem visíveis têm que ser descortinadas, analisadas através daquilo que a organização espacial está mostrando (Callai, 2000, p. 94).

Neste sentido, os alunos do ensino fundamental devem ter a capacidade de olhar a paisagem do lugar onde vive e perceber nela os traços que demonstram as diferentes formas de apropriação desta ao longo do tempo que podem relevar, inclusive, as diferenças impostas pelo modo de produção vigente – o capitalismo.

A capacidade de percepção e a possibilidade de sua representação é um desafio que motiva o aluno. A este respeito Freire (2001, p. 98) diz que “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser”. A reprodução do que já está posto limita a curiosidade dos alunos, de tal modo, que eles não desenvolvem a sua criatividade.

Analisar, compreender, entender e questionar as formas como se estruturam este espaço é de fundamental importância para que os alunos, desde cedo, percebam qual grande é a influência dos fatores econômicos que são impostos às suas vidas e como eles na qualidade de futuros cidadãos darão continuidade à elaboração desta porção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Concluídas as aulas teóricas sobre a temática da desigualdade social os alunos foram conduzidos a observarem *in loco* e a realizarem entrevistas junto a moradores de dois grupos

Visão panorâmica dos bairros investigados

Figura 1: Bairro Belo Horizonte**Figura 2:** Bairro Dom Bosco

Fonte: Google Maps. Acesso em 25 jul. 2023

Durante as abordagens para realização das entrevistas junto a estes dois grupos, foi perguntado aos moradores que aceitaram participar da pesquisa a sua idade dos mesmos, cujos dados se encontram na Tabela 1:

Tabela 1: Idades dos entrevistados. Fonte: trabalho de campo (20 de junho, 2023).

| Belo Horizonte | Idade | Comunidade Dom Bosco | Idade |
|-----------------------|--------------|-----------------------------|--------------|
| 2 | 25 anos | 2 | 28 anos |
| 3 | 27 anos | 2 | 30 anos |
| 2 | 30 anos | 3 | 35 anos |
| 3 | 35 anos | 3 | + 40 anos |

Fonte: Trabalho de campo (20 de junho, 2023).

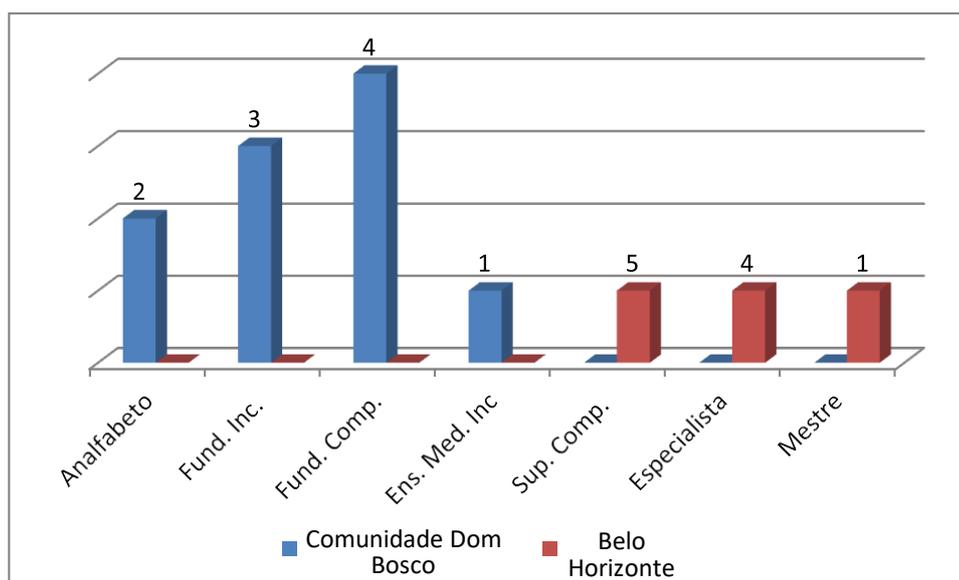
Por meio das informações obtidas nota-se que os moradores do bairro Belo Horizonte são mais novos que os moradores da comunidade Dom Bosco. Tal dado, nos mostra que apesar de serem mais “velhos” que os moradores do bairro Belo Horizonte os moradores da comunidade Dom Bosco, ainda não conseguiram direitos básicos como o direito a habitação de qualidade, enquanto, os moradores do condomínio possuem tais recursos provenientes, em muitos casos, de heranças.

Diante de tais constatações os alunos pesquisadores perceberam que as condições de

extrema desigualdade social não é fruto do destino, mas da má distribuição de renda que historicamente assola o nosso país. As consequências da desigualdade econômica são ainda mais notáveis em crianças e adolescentes, que têm acesso limitado a serviços básicos de saúde.

Outro ponto que foi levado em consideração foi o nível de escolaridade dos entrevistados, pois entende-se que com maior escolaridade conquista-se melhores condições de vida. Neste quesito, nota-se uma grande disparidade entre os dois grupos (Figura 3).

Figura 3: Nível de escolaridade.



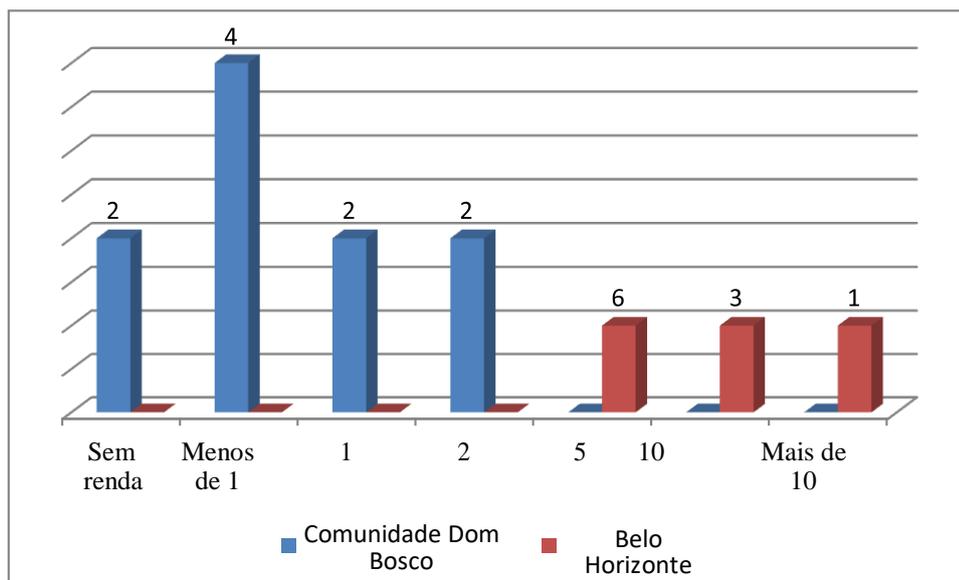
Fonte: trabalho de campo (20 de junho, 2023).

Dos moradores da comunidade Dom Bosco, apenas 1 dos entrevistados tem ensino médio incompleto, o grau mais elevado. Os demais têm apenas o ensino fundamental completo (4); fundamental incompleto (3) e 2 deles são analfabetos. Em contrapartida, todos os moradores do bairro Belo Horizonte têm ensino superior completo (5), especialização (4) e mestrado (1).

Estes dados da figura 4 foram temas de debates em sala de aula, pois os alunos foram levados a pensar a respeito do poder que a educação tem de mudar a vida das pessoas baseados no seguinte questionamento: se os moradores da comunidade Dom Bosco tivessem o grau de escolaridade dos moradores do condomínio eles estariam na mesma situação em que se encontram?

Sobre essa realidade em que se encontram os alunos questionaram sobre a renda mensal de cada um dos participantes o que evidenciou a disparidade econômica e social muito grande (Figura 4).

Figura 4: Renda mensal (Salário mínimo).



Fonte: trabalho de campo (20 de junho, 2023).

A diferença de renda é gritante. Tal fato pode ser percebido quando observamos a renda bruta mensal de um morador do bairro Belo Horizonte que recebe aproximadamente 5 mil reais mensais, valor que é superior a renda bruta mensal de todos os moradores da comunidade Dom Bosco, sem levar em consideração os outros dois que recebem 10 ou mais salários mensais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das referências utilizadas que o ensino da Geografia já passou (e passa) por um longo processo evolutivo de questionamentos sobre o seu objeto e suas metodologias. Neste sentido, por ser uma ciência sempre atual e atualizada esta não pode nem deve ficar presa a métodos do passado, a não ser que esta promova a aprendizagem dos alunos, no entanto, a busca pela inovação de métodos e metodologias deve ser mantida.

Percebeu-se também que muitos professores/autores de Geografia entendem que a busca do entendimento do espaço vivido pelos alunos é essencial para a compreensão de elementos em escalas maiores, pois estes já detêm um conhecimento prévio deste local. Por outro lado, percebe-se que a prática desenvolvida por muitos professores não é condizente com a realidade em que estão inseridos os discentes, pois são levados a seguir à risca o que é proposto nos livros didáticos que é algo extremamente essencial para manter o conforto tanto para professores quanto para alunos.

Desse modo, a proposta da inserção da prática da pesquisa como princípio educativo se torna uma saída para tornar o ensino emancipatório, uma vez que os alunos são conduzidos a produzirem o conhecimento a partir de sua própria curiosidade, assim ele passa da condição de reprodutor/copiador para pesquisador/produtor deste conhecimento.

Através da pesquisa de campo realizada junto com os alunos do 9º ano do ensino fundamental anos finais em uma escola privada sobre a desigualdade social analisada à luz das condições de moradia na cidade de Patos percebeu-se que as diferenças entre as classes sociais típicas do modo de produção capitalista são visíveis e bastantes presentes no espaço analisado.

Conclui-se que, por meio da pesquisa desde o ensino fundamental, os discentes desenvolvem sua criatividade, criticidade e, portanto, se tornam cidadãos(ãs) cada vez mais críticos e conscientes dos seus direitos e deveres dentro da sociedade onde estão inseridos e, por conseguinte, dos diferentes espaços, em diferentes escalas geográficas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Túlio; AZEVEDO, José Roberto Nunes de. Contribuições marxistas para pensarmos o ensino de geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 52-73, jul./dez., 2011.

BEHRENS, Marilda Aparecida; JOSÉ, Eliane Mara Age. Aprendizagem por projetos e os contratos didáticos. **Revista Diálogo Educacional** - v. 2 - n.3 - p. 77-96 - jan./jun. 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia** /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 156 p.

CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos **Filosofia da educação**. Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor. 21 Ed. São Paulo: Cortez, 1993, p.109-120.

PONTUSHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.



SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo:** Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

VASCONCELLOS, Celso S. **Coordenação do trabalho pedagógico:** do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad, 2004 a.

VLACH, Vânia Rubia Farias. Cidadania, democracia, escola, ensino de Geografia: elementos para um debate. In.: COSTA, Ademir Araújo de; LOCATEL, Celso. **(Re)pensando o território e a cidadania:** desafios da geografia no Rio Grande do Norte. Natal: EDUFRN, 2013. p. 245-255.